

CAPÍTULO I - Monteiro Lobato antes do Jeca Tatu

Profª. Dra. Tania Regina de Luca

Monteiro Lobato é um personagem caleidoscópico, que teve forte presença não apenas no mundo das letras. O jornalista e empresário do ramo gráfico, Nelson Palma Travassos, ao evocar o amigo, muitos anos após o seu falecimento, decidiu intitular seu livro *Minhas memórias dos Monteiros Lobatos*¹⁰. De fato, a escolha não poderia ser mais adequada, uma vez que as múltiplas facetas de Lobato não permitem rotulá-lo de maneira simples, como se sua atuação tivesse sido linear, desprovida de contradições e independente do momento e dos interesses em jogo. É justamente essa complexidade que fascina e que torna Lobato um tema apaixonante, sempre aberto a novas interpretações e que não dá mostras de perder a vitalidade com o decorrer do tempo.

Sem pretensão de exaustividade, pode-se mencionar o Lobato escritor para adultos, criador dos incômodos personagens Jeca Tatu, elevado à categoria de símbolo da nacionalidade, e *Zé Brasil*, vítima do sistema fundiário do país; o escritor para crianças, que povoou a infância de várias gerações com as aventuras dos personagens do Sítio do Pica-Pau Amarelo, primeiro por meio dos livros e, depois, por meio das adaptações para o rádio e a televisão; o tradutor voraz; o proprietário, a partir de 1918, de uma das principais publicações literárias e culturais do início do século XX, a *Revista do Brasil* (São Paulo, 1916-1925), ponto de partida para a organização de sua editora, que introduziu novas práticas no mercado livreiro, e o publicista, que se envolveu na companhia em prol do saneamento e do voto secreto nos anos 1920; o crítico de arte que entrou em rota de colisão com propostas

¹⁰ TRAVASSOS, Nelson Palma. *Minhas memórias dos Monteiros Lobatos*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1974.

estéticas modernistas; o defensor da produção do ferro e da exploração do petróleo, engajamento que, em 1941, rendeu-lhe meses de prisão durante o Estado Novo (1937-1945) e o transformou em paladino do desenvolvimento nacional.

Seu nome também esteve associado à Companhia Editora Nacional, que ajudou a fundar em 1925, e à Editora Brasiliense, para a qual se transferiu em 1945 e cuja proposta se ancorava na venda de coleções de livros à prestação, prática inaugurada com as Obras Completas de Monteiro Lobato. A sua produção ficcional adulta e infantil, aliada ao comprometimento com os dilemas do seu tempo, asseguram-lhe lugar dos mais destacados entre aqueles que se propuseram a compreender e formular projetos para o Brasil.

Dois registros, de natureza diversa, fornecem a medida de sua importância. Em 1937, ele foi “o maior best-seller, com 1,2 milhão de exemplares de livros e traduções sob sua responsabilidade, ou seja, mais de metade dos 2,3 milhões de exemplares impressos pela Companhia Editora Nacional e sua sucursal, a Editora Civilização Brasileira”.¹¹

Ao falecer, em 4 de julho de 1948, inúmeros leitores e admiradores anônimos prestaram-lhe a última homenagem, como registrou um jornal paulistano:

Realizou-se ontem, às 15 horas, no cemitério da Consolação, o sepultamento de Monteiro Lobato, saindo o féretro da Biblioteca Municipal. Seus restos foram carregados até a última morada por seus amigos e admiradores, acompanhados por incalculável multidão. As ruas nas proximidades da Biblioteca tiveram o trânsito interrompido cerca de trinta minutos, tal a massa humana que se formou para acompanhar os funerais (...). Enquanto os restos de Monteiro Lobato seguiam para o cemitério da Consolação, pela rua do mesmo nome, grande número de pessoas comprimia-se a entrada daquele campo santo, notando-se homens, mulheres, velhos e crianças que ali permaneciam para a derradeira homenagem... Quando chegou o corpo de Monteiro Lobato, a multidão entoou o hino nacional.¹²

¹¹ MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 146.

¹² Morreu Monteiro Lobato, o criador do *Jeca* e da *Menina do Narizinho Arrebitado*. *Folha da Manhã*, São Paulo, ano 25, n. 7441, p. 4, 6 jul. 1948.

Construção de si

A ativa participação de Lobato em diferentes setores não poderia deixar de gerar tensões e inimizades. Se, como se viu, os livros que escreveu e os que traduziu eram um sucesso em termos de mercado, isso não implicava, necessariamente, que desfrutasse da mesma acolhida no campo literário dos anos 1930, já dominado pela estética modernista, e tampouco que contasse com a simpatia do governo de Getúlio Vargas, que o tinha como um crítico bastante impertinente. O regime, aliás, esforçou-se em tentar silenciá-lo, fosse pelo controle que exercia sobre os órgãos de imprensa, fosse pelo seu encarceramento.

Não admira, portanto, que Lobato se preocupasse não apenas em apresentar sua versão dos fatos, como também investisse na construção da imagem que gostaria de legar para a posteridade. É sintomático que date de 1943, quando seu sonho em prol do ferro e do petróleo já havia se esvanecido, a decisão de publicar as cartas trocadas desde os tempos da Faculdade de Direito com o escritor mineiro Godofredo Rangel. A data não é aleatória; este foi o ano do jubileu do seu primeiro livro, *Urupês*, um grande sucesso de público, efeméride comemorada pela Companhia Editora Nacional com a chamada edição ônibus, um volume que continha *Urupês*, *Cidades mortas*, *O macaco que se fez homem*, além de excertos de outros livros e textos avulsos. Sublinhe-se o sentido político das homenagens, uma vez que celebrar o escritor era uma maneira indireta de atacar o regime ditatorial em vigor, que o encarcerara em 1941 e que o impedia de tomar a palavra no espaço público.¹³

A ideia de publicar a correspondência não o seduzia, tanto que registrou, em várias oportunidades, o quanto o desagradava ver trechos da mesma difundidos em jornal, pois, como sentenciou a uma amiga, “Ora, carta é intimidade. É regabofe de bebedeira – bebedeira de liberdade de sermos o que somos sem dar contas a espectadores”¹⁴ É muito provável que a conjuntura o tenha feito rever a postura, defendida em outras oportunidades, inclusive nas cartas dirigidas ao próprio

13 Sobre o tema, ver: LUCA, Tania Regina de. Monteiro Lobato: estratégias de poder e autor representação n'A *barca de Gleyre*. In: GOMES, Ângela de Castro (Org.). *Escrita de Si, Escrita da História*. Rio de Janeiro: FGV, 2004, p. 139-162.

14 Apud: NUNES, Cassiano. *Cartas de Monteiro Lobato a uma senhora amiga*. São Paulo: s/e, 1983, p. 12.

Rangel. O volume, datado de 1944 e intitulado *A barca de Gleyre*, era apresentado como um testemunho involuntário, o que só fazia aumentar a sua legitimidade e fidedignidade, afinal, o que lá estava era fruto de uma amizade, pacientemente tecida ao longo de quarenta anos. Tais características contribuíam para aumentar o significado da obra enquanto estratégia para compor a autorrepresentação que o escritor desejava projetar acerca de si mesmo.

É significativo que, na pequena nota que antecede as cartas, Lobato declare: “o gênero *carta* não é literatura”, sob o argumento de que a literatura “é uma atitude – a nossa atitude diante desse monstro chamado Público”. Contrapôs a carta ao gênero memórias, esse sim literário por implicar uma atitude: o memorialista “pinta-se ali como quer ser visto pelos pósteros”, afirmação que desautorizava tomar as cartas como registro autobiográfico. Depois de insistir que missiva não passava de conversa entre amigos, confessava sua intervenção, ou seja, a atitude que julgava típica do texto literário: “Tenho sérias dúvidas sobre se estou ainda vivo – e se as cartas saírem com a minha revisão de semivivo, apresentar-se-ão podadas de muitas inconveniências que um semimorto já não subscreve”.¹⁵ Não restam dúvidas, portanto, a respeito da extensão da ação de Lobato sobre sua correspondência, que apresentou ordenada e escoimada de tudo o que julgou inapropriado, num esforço consciente de editar a própria vida. Após a sua morte, dois outros volumes, intitulados *Cartas escolhidas*, foram incorporadas às suas obras completas, com seleção e notas do biógrafo, que, aliás, ele próprio escolhera, Edgard Cavalheiro. Na nota introdutória do primeiro volume, o organizador alertava os leitores para o fato de a amostra publicada estar “(...) longe de representar um décimo da sua produção no gênero”, enumeração que já aponta as limitações das fontes: Lobato preparou cuidadosamente as cartas divulgadas em vida e coube a Cavalheiro fazer suas próprias escolhas após 1948¹⁶.

Promotor e fazendeiro

A despeito das escolhas e intervenções, a correspondência continua a ser uma das fontes mais importantes para a vida e a obra de Lobato, tanto

¹⁵ LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*. 11. ed. Tomo I. São Paulo: Brasiliense, 1964, p. 17-18. (Obras Completas de Monteiro Lobato, 11).

¹⁶ CAVALHEIRO, Edgard. Prefácio. In: LOBATO, Monteiro. *Cartas escolhidas*. 3. ed. Tomo I. São Paulo: Brasiliense, 1964, p. 7. (Obras Completas de Monteiro Lobato, 16).

quanto seus prefácios e entrevistas. Esta documentação, aliás, como qualquer vestígio do passado, não pode ser considerada expressão pura do passado, e os historiadores sabem que sempre devem lidar com injunções de diferentes ordens, independente da natureza do material com que trabalham.

No caso de Monteiro Lobato, é patente seu esforço para moldar a sua imagem e seu legado. Assim, observa-se a insistência de se apresentar como um fazendeiro que, em fins de 1914, remeteu para o jornal *O Estado de S. Paulo* os textos *Velha Praga* (12/11), veemente denúncia da prática das queimadas, e *Urupês* (14/12), no qual se consubstanciou o personagem Jeca Tatu, e teria sido a inesperada repercussão dos mesmos que acabou por transformá-lo em escritor, sem que tivesse tal intento. É inegável que estes textos representaram uma inflexão na trajetória de vida de Lobato, tendo em vista a celeuma em torno do Jeca Tatu, que rendeu ao seu criador celebridade e a chave para a entrada efetiva no mundo das letras, tanto que não tardou para que vendesse a fazenda herdada do avô para se dedicar integralmente à carreira literária. Não surpreende que os muitos estudos sobre o autor iniciem-se exatamente nesse momento.

Entretanto, quem era e o que fazia Lobato, em termos literários, antes de 1914? A pergunta é importante, pois se trata de momento decisivo para sua formação como escritor e, para respondê-la, as cartas se constituem na principal fonte. De saída, cumpre lembrar que, como aluno da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, em São Paulo, Lobato colaborou com jornais acadêmicos, tradição muito cultivada na instituição. Junto com amigos próximos, escrevia para pequenas folhas, com destaque para *O Povo*, de Caçapava,¹⁷ e *O Minarete*,¹⁸ de Pindamonhangaba. Este último circulou entre 1903 e 1907 e foi franqueado a Lobato e amigos pelo ex-colega Benjamim Pinheiro, que, formado bacharel, retornou à sua cidade natal com a intenção de assumir a prefeitura, para o que necessitava de uma publicação

¹⁷ Somente a consulta ao jornal permitiria saber se a sua colaboração foi contínua. Em LOBATO, Monteiro. *Literatura do Minarete*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1964 (Obras Completas de Monteiro Lobato, 14), obra póstuma lançada em 1959, com seleção e introdução de Edgard Cavalheiro, há textos datados de 1903. Entretanto, em 12/02/1915, afirmava a Rangel: “Também tenho escrito umas diabruras para *O Povo*, jornalzinho de Caçapava no qual sou livre como o era no *Minarete*. Sou lá o Mem Bugalho. Mando-te o último número”. LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*. Op. cit., v. 2, p. 22-23.

¹⁸ Parte da produção relativa aos anos 1900-1907, estampada em jornais acadêmicos e em folhas como *O Povo*, *O Minarete* e *Jornal de Taubaté*, foi recolhida em: LOBATO, Monteiro. *Literatura do Minarete*. Op. cit.

que fosse porta-voz da oposição. Estes escritos, marcados pelo humor e por brincadeiras entre amigos, constituíam-se em oportunidade para que os jovens escritores exercitassem a criatividade e a experimentação.

Em 1904, com o diploma em mãos, Lobato deixou a cidade de São Paulo e retornou para o interior. Graças à intervenção do avô, tornou-se promotor em Areias, cidade que já fora próspera, mas que não resistira à concorrência do café plantado no Oeste Paulista. Casado e entediado, em fins de 1908 confienciava ao amigo que assinara o *Weekly Times* e “com os pés na grande sacada, injeto-me de inglês, de pensamento inglês, de política inglesa, enquanto pela rua passam os bípedes que vão mexer a panelinha da política local, na farmácia do Quindó, meu vizinho”¹⁹.

Portanto, o ano acabava sem grandes perspectivas, pois *O Minarete*, no qual continuavam a colaborar os ex-estudantes, já não circulava e os dias corriam lentos na sonolenta Areias.

No ano seguinte, Lobato se referiu, em várias das cartas endereçadas a Rangel, às suas contribuições para o jornal *A Tribuna*, de Santos, sem explicar como havia se tornado colaborador remunerado. A informação se encontra nas cartas trocadas com o cunhado Heitor, que só vieram a público depois de sua morte. Contam-se apenas quatro cartas, sem que se saiba se existiram outras ou se Edgard Cavalheiro, o organizador do volume de *Cartas Escolhidas*, optou por essas. As missivas revelam que foi pelas mãos de Heitor que Lobato chegou à folha, o que confirma a importância das redes de amizade e solidariedade, que garantiam as apresentações, num complexo circuito de troca de favores.

Talvez não se deva considerar mera coincidência que, em maio de 1909, depois de pedir a opinião do amigo Rangel a propósito do conto *Bocatorta*, sugerisse: “o melhor é passarmos os nossos contos à letra de forma do *Minarete*, para melhor os consertarmos. *O Minarete* tem a vantagem da exígua, ínfima, publicidade,”²⁰ indício de que, retrabalhados, os textos poderiam ter nova destinação, o que, para Lobato, delineava-se como uma possibilidade efetiva graças às tratativas em curso com a *Tribuna*.

De fato, em agosto de 1909, Lobato agradeceu a Heitor por se lembrar

¹⁹ Idem, carta de 02/12/1908, p. 225-226.

²⁰ LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*. Op. cit, p. 237-238, v. 1, carta datada de 20/05/1909.

do “exilado de Areias” e colaborar na realização do “velho projeto” de escrever para jornal de verdade. Apressou-se em oferecer o conto *Bocatorta*, objeto de discussão com Rangel, não sem impor condições: “Responda num bilhete postal, comercialmente, positivamente, pois os tempos das ilusões cor-de-rosa já se passaram”²¹. Para Rangel a notícia foi comunicada em tom diverso, pois, alguns dias antes, informou: “Estou escrevendo na *Tribuna*, de Santos, jornal cor de rosa, a 10 mil réis o artigo. Mande para lá hoje o *Bocatorta*.”²²

O fato é que, em meados de 1909, o promotor de Areias começava a entrever a possibilidade de ser remunerado por suas atividades intelectuais: “Já encetei a série de artigos da *Tribuna* e já fiz jus a 40\$00. Com isso pago dois meses de aluguel da casa. Pagar a casa com artigos – que maravilha, hein?”. Maravilha que não se concretizava com a desejada regularidade, a julgar pelas cartas de cobrança que remeteu a Heitor no início de 1910: “negócio é negócio: a *Tribuna* paga ou não? Se você me deslindasse este ponto me prestaria bom serviço”²³.

Na correspondência com Rangel, o remetente sonhava com projetos que não se realizariam, como uma esperada contribuição para a *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro, e de colaborações esporádicas para revistas. O que as cartas revelam, contudo, é o empenho para adentrar o mundo dos impressos. Ainda em julho de 1909, declarou ao amigo: “Ando a colaborar na *Fon-Fon*. O que aparece lá assinado H.B. é meu. Desenho e caricaturas”²⁴, sem explicitar se tal colaboração era espontânea ou feita a convite. No mês seguinte, estava atarefado com o projeto e a pintura de cartazes para um concurso no Rio de Janeiro “ao qual vou arrojadamente concorrer”, além de alertar o amigo para as suas ilustrações estampadas na *Fon-Fon*²⁵. Em outubro de 1910, declarava: “andei metendo o nariz na questão das candidaturas presidenciais, como verás do artigo incluso, da *Tribuna*. Repugna-me esse

²¹ LOBATO, Monteiro. *Cartas escolhidas*. Op. cit, v. 1, p. 100-102, carta a Heitor de Moraes, datada de 15/08/1909.

²² Idem, v. 1, p. 255-256, carta de 03/08/1909. A informação permite datar a carta ao cunhado como sendo de agosto de 1909, pois Lobato afirmou que havia remetido o conto na data em que redigiu a missiva a Rangel.

²³ LOBATO, Monteiro. *Cartas escolhidas*. Op. cit, v. 1, p. 109, carta a Heitor de Moraes, datada de 22/02/1910.

²⁴ LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*. Op. cit, p. 255, v. 1, carta a Rangel, de 22 e 23/07/1909.

²⁵ Idem, p. 261, carta datada de 22/08/1909.

militarismo que certos jornais do Rio defendem”²⁶.

A partir de 1911, com a morte do avô, a situação de Lobato mudou, pois ele assumiu a Fazenda Buquira e as preocupações literárias se mesclavam às de proprietário rural. Contudo, ele seguia de forma atenta a carreira dos colegas dos tempos de faculdade e compartilhava suas impressões com Rangel. O primeiro a ter sucesso foi José Antônio Nogueira, que já integrava as rodas literárias e sempre era referido de maneira crítica por Lobato, que mal disfarçava seu incômodo: “Não é mais aquele Nogueira do *Minarete*. É o autor do *Amor imortal*, que sabe de cor e declama para os amigos. É o Nogueira *beuglant*. Flaubert deveria ser assim”²⁷.

Antes dos famosos artigos de 1914, Lobato publicou, com sua assinatura, dois artigos na grande imprensa paulistana: em 30 de outubro de 1913, na segunda página do *Estado*, assinou como J. B. Monteiro Lobato o texto “Entre duas crises”, que tratava da situação econômica paulista. Sobre esta colaboração, não há qualquer referência em *A barca de Gleyre*, contrariamente à estampada em 1913 no *Correio Paulistano* a propósito da pianista Guiomar Novais, que ele reconhecia como a primeira que fizera para um grande jornal. O esquecimento é, no mínimo, curioso e talvez cumprisse a função de tornar coerente a versão de que só publicou no *Estado* em 1914.

A caminho da consagração

A trajetória dos anos iniciais de Monteiro Lobato, fosse na Faculdade de Direito enquanto estudante, como Promotor em Areias ou proprietário da fazenda Buquira, indica que ele nunca se distanciou das letras. É de se lamentar o fato de não ser possível contrapor, lado a lado, as cartas que Lobato enviou a Rangel e as que dele recebeu, o que certamente abriria outras perspectivas de análise. A esta limitação se somam as decorrentes das intervenções de Lobato no conteúdo das missivas, levadas a cabo em 1943, ou seja, quando atravessava um momento particularmente adverso. Mesmo assim, é inegável que estes escritos, que remontavam a 1903, contêm pistas

²⁶ Idem, p. 182, carta datada de 23/10/1910.

²⁷ Idem, p. 339, carta datada de 21/04/1913.

que ajudam a compreender o desejo que sempre acalentou de participar do mundo intelectual e letrado e o quanto se empenhou para realizá-lo.

O período no qual permaneceu incógnito do grande público foi o de gestação do escritor, que, fosse em Areias ou na sede de sua fazenda, tentava se introduzir no rol dos colaboradores da imprensa periódica. Os indícios provenientes das cartas endereçadas ao amigo Rangel apontam o cuidado em relação à representação de si, patente no caso da colaboração para a *Tribuna*, uma vez que a intermediação do cunhado Heitor e as reclamações em relação aos pagamentos nunca foram mencionadas. Novas cartas, assim como o estudo sistemático de suas contribuições publicadas em jornais antes de 1914, podem tornar o quadro geral menos impreciso. Lobato, por certo, ainda nos reserva muitas surpresas.